

O jornalismo colaborativo no Twitter do @plantao190 e as notícias policiais da Grande Curitiba

Collaborative journalism: the Twitter @plantao190
and police journalism in Curitiba

Bruno Henrique Marques de Mendonça

Universidade Tuiuti do Paraná
Rua Sydnei Rangel Santos, 238, Santos Inácio,
82010-330, Curitiba, PR, Brasil.
obrunomendonca@gmail.com

Resumo. O presente artigo tem como objetivo mostrar como a internet e a popularização das ferramentas de produção potencializaram a possibilidade de pessoas comuns, ditas amadoras, produzirem notícias, fato antes reservado apenas aos profissionais do jornalismo a serviço de veículos de comunicação. Dessa forma, a apropriação da tecnologia e a quebra de barreiras geográficas, proporcionadas pela internet, ajudaram a dar voz e disseminar o conteúdo desses amadores, tirando do jornalista a exclusividade, até então absoluta, de noticiar, propagar fatos e divulgar informações. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica, a fim de entender como esse processo de empoderamento do amador começou e quais são seus reflexos na prática do jornalismo, baseada em autores como: Dam Gilmor (2005), que aborda a evolução da prática do jornalismo e o jornalismo colaborativo; Francis Pisani & Dominique Piotet (2010), que dedicam seus estudos às transformações da web e seus impactos na comunicação; e Clay Shirky, que analisa as produções amadoras publicadas na internet e a relação delas com seus usuários. Como recorte empírico, com o objetivo de exemplificar a teoria apresentada, foi selecionado um perfil no *Twitter*, ferramenta de microblog na qual é permitida a postagem de textos com 140 caracteres, que podem ser atualizados por diversos dispositivos móveis com acesso à internet. Esse perfil é o @plantao190, atualizado por João Carlos Frigério, um fotógrafo policial, que não é jornalista, mas tornou-se referência no assunto, sendo lido por milhares de usuários que, além de leitores, interagem e enviam novos relatos.

Palavras-chave: jornalismo colaborativo, jornalismo feito por amadores, jornalista cidadão, @plantao190.

Abstract. This article aims to show how the Internet and the popularization of production tools potentialize the ability of ordinary, amateur people, to produce news, a fact previously reserved to professional journalists in lieu of service communication vehicles. Thus, ownership of technology and the elimination of geographical barriers, provided by the Internet, helped spread the content of these amateurs, removing the, until then, absolute exclusivity of the journalist to spread facts and disclose information. For this, we carried out a bibliographic review to try and understand how this empowerment process of the amateur started and what are its effects on the practice of journalism. As a theoretical reference, it is possible to highlight authors such as: Dam Gilmor (2005), reference in engaging the topic of evolution of the practice of journalism and collaborative journalism; Francis Pisani & Dominique Piotet (2010), that have dedicated their studies to show the transformation of the web and its impacts on communication, and, finally, author Clay Shirky, who analyses the amateur productions published on the Internet and their relation with its users. As an empirical approach to exemplify the presented theory, a Twitter profile, microblogging tool on which is it possible to post texts with up to 140 characters via mobile devices with an internet connection, was selected. The profile @plantao190 is curated by photographer João Carlos Frigério, who is not a journalist (despite his title), but still informs in real time the police occurrences in the city of Curitiba, becoming a reference in the area and being read by thousands of users who, besides consuming his content, interact and even send their reports which later become new posts.

Key words: collaborative journalism, citizen journalism, journalism done by amateurs, @plantao190.

Introdução

A disseminação e o crescimento do uso da internet e o barateamento de algumas tecnologias de produção, como computadores pessoais, câmeras fotográficas digitais, celulares com a capacidade de registro de imagens e transmissão simultânea via internet, empoderaram possíveis produtores independentes de comunicação¹.

Essa produção independente já acontecia antes da internet e da popularização dos dispositivos citados acima, porém, ela dificilmente era disseminada a um grande número de pessoas, por ser algo dispendioso ou até mesmo inviável. Os donos de jornais independentes, fanzines ou outras produções espontâneas contentavam-se ao ver suas ideias saírem do papel, porém, ainda não tinham o poder de fazê-las girar o mundo.

A internet, apontada por Pierre Lévy (1999) como a primeira mídia todos-todos, deu voz aos produtores independentes e fez com que esse conteúdo pudesse ser disseminado para uma grande quantidade de pessoas e ser consumido em qualquer lugar.

Esse fenômeno afetou o jornalismo. Vários indivíduos, há pouco tempo anônimos, começaram a manter páginas pessoais, perfis em sites de redes sociais, blogs, microblogs e a competir de igual para igual com portais jornalísticos e com grandes equipes. Talvez não em qualidade ou profundidade dos fatos, porém, agora “todo mundo é veículo de comunicação” (Shirky, 2012, p. 51).

O jornalismo participativo e a produção amadora

Segundo Dan Gilmor (2005), no século XX, cabia apenas ao jornalista o papel da produção das notícias. Profissionais empregados por veículos de comunicação, que poderiam variar desde grandes conglomerados até pequenas rádios locais, eram os detentores soberanos do papel de comunicar novos fatos e acontecimentos para a população.

O autor coloca que a notícia era encarada como “uma palestra. Nós é que dizíamos como as coisas se tinham passado. O cidadão

comprava, ou não comprava.” (Gilmor, 2005, p. 15). Quando havia um canal de resposta, era, no máximo, a possibilidade de enviar uma carta para a redação, a qual poderia ser lida no ar ou impressa na próxima edição, ou simplesmente ser ignorada.

Gilmor mostra que esses tempos mudaram, ou melhor, vêm mudando: “A produção de notícias e a reportagem do futuro serão mais parecidas como uma troca de ideias ou com um seminário” (2005, p. 15). De acordo com o autor, haverá cada vez menos barreiras entre os que produzem e os que consomem as notícias, afinal, não são mais necessárias grandes instalações para a publicação de matérias. Os grandes maquinários de antigamente deram lugar a pequenos dispositivos tecnológicos, que permitem às pessoas produzirem conteúdo.

Com essa possibilidade de empoderar qualquer pessoa para produzir informação, o autor destaca três grupos-chave de interesse: **os jornalistas**, que devem aprender a fazer parte deste novo mundo, no qual sua classe não detém mais o monopólio sobre a produção das notícias e que, mais que aceitar essa ideia, deve tentar aproveitar-se disso; **os objetos das notícias**, que, por estarem no mesmo ambiente de fácil produção, poderão tornar-se extremamente críticos ao trabalho dos jornalistas ou serem excelente colaboradores; e **os antigos receptores** da notícia, que agora terão condições também de produzi-las e, quem sabe, aproximar o seu trabalho ao de jornalistas profissionais.

Gilmor aponta algumas invenções essenciais para a potencialização do jornalismo colaborativo via internet, como a popularização do computador pessoal e das impressoras, na década de 1980, que já permitia a existência de alguns amadores domésticos. Entretanto, essas produções estavam longe de competir ou arrancar a hegemonia dos grandes conglomerados de mídia. A internet veio anos mais tarde, não só como uma possibilidade de conexão entre as pessoas, mas como uma ferramenta que permitia o acesso a inúmeras informações. Berners-Lee criou o primeiro navegador e foi um dos pioneiros do HTML², linguagem de computador baseada no hipertexto:

¹ Artigo apresentado no IV ENPECOM – Encontro de Pesquisa de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, em novembro de 2012.

² *HyperText Markup Language*, que significa Linguagem de Marcação de Hipertexto. É a linguagem de programação interpretada pelos navegadores – os *browsers* (vide próxima nota) – para a exibição dos sites na internet. Normalmente, pode ser misturada com outras linguagens de programação para a obtenção de resultados específicos, dependendo da aplicação que será executada.

Em 1991, Tim Berners-Lee inventou a tecnologia do hipertexto que se transformou na World Wide Web. Escreveu o software para informação que estava armazenada em computadores ligados em rede e um programa “cliente” que foi, na realidade, o primeiro browser³ (Gilmor, 2005, p. 30)

Berners-Lee foi o responsável por ligar todos os documentos que estavam na internet e permitir uma fácil navegação entre eles, tornando as informações da rede acessíveis a pessoas que não tinham conhecimento de linguagens de programação mais avançadas. O ato de navegar de página em página nascia ali. Nascia também a linguagem que daria suporte para a criação das plataformas de *blogs*, sistema que viria a permitir que qualquer usuário capaz de escrever um texto o publicasse na internet.

É nesse ponto que Gilmor (2005) coloca a grande mudança ocasionada pela internet, já comentada antes por Lévy (1999): a internet seria o primeiro meio de comunicação todos-todos, ao contrário das tecnologias anteriores, que eram ou um-todos, como o rádio e a TV, ou um-um, como o telefone celular e a troca de informações via correio. Mais que isso, a Aldeia Global, descrita por Marshall McLuhan, poderia de fato existir na conexão entre computadores do mundo todo e uma rede que interligava todos eles.

Gilmor (2005) deixa claro que a novidade aqui não era publicar textos na internet. Isso já era possível antes com listas de *e-mails*, páginas pessoais feitas com conhecimento de linguagens de programação e, se pensarmos no mundo fora da internet, as pessoas já podiam criar fanzines, minijornais com informações e outras criações próprias, porém, suas ações eram sempre limitadas às pequenas comunidades de utilizadores. Plataformas de *blogs*, por exemplo, permitiam mais que postar textos na internet, afinal, depois de publicado o texto do *blog*, este fica disponível na rede e pode ser acessado por qualquer outro usuário. A internet potencializou a produção amadora e permitiu que o mundo inteiro tivesse acesso a essas produções:

Todos podíamos escrever, não apenas ler, de formas nunca antes possíveis. Pela primeira vez na História, qualquer pessoa que dispusesse de um computador e de uma ligação à internet podia, pelo menos no mundo desenvolvido, ser proprietária de um órgão de imprensa. Qualquer um podia publicar notícias (Gilmor, 2005, p. 41).

Depois da invenção da WWW, outro ponto que pode ser destacado como propulsor da produção de conteúdo por usuários amadores é a Web 2.0. A expressão foi criada em outubro de 2004, em uma conferência realizada em São Francisco, pelas empresas MediaLive e O'Reilly Media, com o objetivo de discutir avanços tecnológicos relacionados ao uso e ao consumo da internet. O termo “nasceu durante um *brainstorm*⁴, com a finalidade de reunir, integrar e compreender uma série de fenômenos e ações que, vistos em conjunto, formavam um novo cenário, uma nova fase, uma nova versão da internet [...]” (Cavalcanti e Nepomuceno, 2007). No site da O'Reilly Media⁵, em texto intitulado “O que é a Web 2.0?”⁶, Tim O'Reilly refere-se a um segundo momento da internet, no qual as pessoas começam a produzir conteúdo e não só consumi-lo. (O'Reilly, 2005).

A conexão Banda Larga também se popularizou, levando às pessoas velocidades de acesso mais rápidas por um preço mais barato. Os dispositivos eletrônicos como câmeras digitais e *smartphones* evoluíram acumulando mais funções e tornando-se mais compactos. Na data de publicação de Gilmor, em 2005, os *smartphones* ainda não eram realidade, mas o autor fazia uma grande aposta quanto a sua utilização para a captação de imagens e transmissão de dados em tempo real, algo possível nos dias de hoje: “Os telemóveis de amanhã poderão enviar informações e imagens a indivíduos e a grupos, ou publicá-las em tempo real na Internet” (Gilmor, 2005).

Como atualização do termo “internauta”, Pisani e Piotet (2010) sugerem o termo “web ator” para designar o usuário da chamada Web 2.0. Os autores explicam a mudança analisando a etimologia da palavra internauta. O elemento “nauta” deriva do grego *nautês*, ou seja,

³ Programas de computador que permitem aos usuários o acesso a páginas na internet, permitindo a interação do usuário com o conteúdo exibido. São os interpretes das linhas de códigos que compõem um *site*. Sem eles, só seria possível enxergar as páginas em formatos de código.

⁴ Técnica criativa utilizada para a obtenção de ideias. Consiste em uma reunião na qual todas as pessoas palpitam sobre o assunto, jogando ideias aleatórias sobre o tema, sem pudores ou travas, até a chegada de uma ideia vencedora.

⁵ A O'Reilly Media (antes chamada de O'Reilly & Associates) é uma editora norte-americana criada por Tim O'Reilly, que publica livros e organiza conferências sobre tecnologia.

⁶ Tradução livre do autor para “What is Web 2.0?”. Disponível em: <<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>>.

“marinheiro”. Para os autores, as conotações sugerem que o “navegante” faça uma utilização passiva da mídia, por isso a sugestão de chamá-lo de web ator: “Depois de ter pensando na expressão ‘webnautas’, que daria a ideia de seu papel mais ativo na web 2.0, optamos por ‘web atores’, que dá melhor a ideia de capacidade de produzir, de agir, de modificar, de aperfeiçoar a web de hoje” (Pisani e Piotet, 2010, p. 119).

Desta forma, os autores colocam a participação como um desafio que as mídias devem enfrentar. A antiga audiência agora faz parte do jogo:

[...] a participação torna-se uma relação essencial com a informação em razão da confluência da crise das mídias tradicionais, da evolução cultural (pós-moderna) e da multiplicação das ferramentas e das práticas próprias da Web 2.0. Ela é imposta pela audiência que se mexe e encontra as ferramentas desejadas e as mídias são obrigadas a adaptar-se (Pisani e Piotet, 2010, p. 268)

Quem antes era tratado como audiência encontrou formas de participar da produção da informação e, mais do que isso, utilizando sites de redes sociais, conseguiu propagar essas informações a um grande número de pessoas, conquistando cada vez mais público, fato este que também contribui para outro fenômeno destacado por Pisani e Piotet (2010). A forma de consumo dos conteúdos jornalísticos também mudou. Segundos os autores, a dinâmica da internet fez com que o usuário acompanhe as notícias de uma outra maneira que a convencional:

Os sites de informação não são mais “destinos”, mas pontos de passagem. A nossa presença online é irrigada por novidades, que encontramos ao acaso em nossa navegação, na forma de fluxos RSS⁷, de avisos aos quais nós nos associamos ou que nos enviam nossas mídias favoritas, resumos diários que recebemos nos e-mails. As notícias tornam-se um produto sem valor particular (commodity). As mídias perdem o controle (Pisani e Piotet, 2010, p. 266)

Nesse caso, é possível sugerir que o usuário não vai atrás das notícias, mas sim que essas notícias chegam naturalmente até ele, enquanto navega.

O autor Clay Shirky discute o empoderamento do amador em relação ao jornalista pro-

fissional. Se, hoje, qualquer pessoa pode publicar notícias na internet, como fica a relação de quem faz isso profissionalmente, seguindo padrões rigorosos de linhas editoriais e relações comerciais? O autor simplifica a questão fazendo uma analogia sobre dirigir um carro. Para assumir a direção de um veículo automotivo, é necessário treinamento, senão é provável que a pessoa sequer consiga sair do lugar. Porém, é possível dirigir um automóvel mesmo sem ser um piloto profissional. A diferença entre um e outro é bem clara. Segundo o autor, a noção de profissionalismo nasce da escassez de uma determinada função, fato desbancado pela internet e a popularização dos meios de produção. Logo, se não há escassez, vários não profissionais podem arriscar-se a dirigir, porém, é bem provável que muitos deles não cheguem ao desempenho do piloto profissional, justamente por serem amadores. O autor discute o impacto da produção amadora sobre a indústria da mídia:

Antes era difícil levar palavras, imagens e sons do criador para o consumidor, e a maioria das empresas de comunicação envolvem um gerenciamento dispendioso e complexo desse problema de canalização, seja dirigindo uma gráfica ou uma gravadora. Em troca da ajuda que prestam na superação desse problema, empresas de comunicação conseguiram exercer considerável controle sobre a mídia e extrair consideráveis receitas do público (Shirky, 2012, p. 54).

No que diz respeito à pauta, as coisas também mudaram. Determinados assuntos que não tinham espaço na mídia tradicional agora podem ganhar o devido destaque na produção dos amadores. O controle exercido por uma linha editorial, escolhida por qualquer que fosse o motivo, seja ideológico ou comercial, barra alguns assuntos, tratados com naturalidade dentro da internet:

Em um mundo no qual uma dúzia de editores, todos pertencendo à mesma classe profissional, pode decidir publicar ou abafar um evento nacional, uma informação que potencialmente seria de interesse geral pode deixar de ser publicada, não devido a uma conspiração, mas porque os editores têm tendências profissionais associadas aos desafios semelhantes que encontram e às ferramentas semelhantes que usam para abordá-los. A amadorização em massa da publicação anula

⁷ Really Simple Syndication: tecnologia que permite aos usuários da internet o cadastramento de feeds, ou seja, índices de um site em determinados aplicativos. Dessa forma, quem cadastrou receberá o conteúdo daquele site em seu sistema de leitura. É uma forma de saber das últimas novidades sem precisar entrar no site especificamente, além de poder concentrar a informação de diversos sites do mundo inteiro e recebê-los em um só lugar.

as limitações inerentes à existência de um número restrito de veículos tradicionais de imprensa (Shirky, 2012, p. 59)

Shirky conclui que as publicações amadoras são alternativas ao sistema tradicional da mídia, exercidos por redatores e editores que não precisam ser pilotos profissionais para dirigirem seus carros. Em outra analogia, volta a invenção da imprensa para justificar a posição dos amadores: “A amadorização em massa é um resultado da difusão radical de capacidades expressivas, e o precedente mais óbvio foi aquele que deu origem ao mundo moderno: a difusão da imprensa cinco séculos atrás” (Shirky, 2012, p. 60).

O Twitter

O Twitter⁸ é um *site de microblog* que permite ao usuário a postagem de frases curtas, com no máximo 140 caracteres. A limitação é proposital, a ferramenta foi desenvolvida pensando na atualização via SMS⁹, que comporta o envio de 160 caracteres por vez.

Inicialmente, se destinava às pessoas que queriam responder à pergunta “o que você está fazendo?”, entretanto, com o uso e várias apropriações dos usuários, o Twitter modificou a pergunta para “o que está acontecendo?”.

Ao entrar no Twitter, o usuário cria um perfil no qual são exibidos os *posts* de sua autoria. Para ver os *posts* escritos por outros usuários, é preciso “seguir-los” (uma forma de “adicionar”, termo usado por outros *sites* de rede social); assim, todas as postagens das pessoas que o usuário segue são exibidas em sua linha do tempo, em tempo real. O inverso também acontece. Para que as postagens do usuário sejam vistas por outras pessoas, essas pessoas têm de “seguir-lo” e assim receberão suas atualizações em tempo real.

A conversa entre os perfis acontece de duas formas: uma aberta, quando alguém coloca o @nomedousuário e depois escreve a mensa-

gem; ou via Mensagem Direta, que é enviada de maneira privada para a outra pessoa, porém, nesse segundo caso, quem recebe a mensagem deve obrigatoriamente seguir o remetente.

O Twitter foi uma criação de Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, em 2006, quando trabalhavam para a empresa Odeo (Recuero, 2011). O Twitter tem a API¹⁰ liberada, ou seja, permite que outros programadores utilizem o seu funcionamento padrão para a criação de outras ferramentas, por exemplo, o *paper.li*¹¹, uma aplicação que cria uma espécie de jornal a partir das postagens dos seguidores de um determinado perfil. O sistema gera esse jornal, diagrama e compartilha com todos os seguidores do perfil em questão, avisando que é um resumo de notícias. O usuário pode dar um nome para esse jornal e definir sua periodicidade.

No Brasil, segundo a ConScore¹², o Twitter quase chegou a 13 milhões de usuários em julho de 2011, porém, está em queda. Na última aferição feita pela empresa, no mesmo mês de 2012, os números apontaram 9,7 milhões de usuários (Terra Tecnologia, 2012). Usuários do Twitter já anteciparam diversos furos de reportagens. Em 2009, após problemas em um Airbus A320 da *US Airways*, com mais de 155 passageiros, o comandante teve que fazer um pouso de emergência no Rio Hudson. A manobra foi um sucesso e a primeira foto que noticiou o fato foi postada no Twitter pelo empresário Janis Krums, um dos que ajudaram no resgate dos passageiros, utilizando o seu iPhone¹³ (G1, 2009).

Outro exemplo, dias depois do anúncio da captura e morte de Osama Bin Laden, alguns canais noticiaram que um usuário do Twitter, no Paquistão, narrou, sem se dar conta do fato, a captura do então terrorista mais procurado do mundo. Sohaib Athar, um morador de Abbottabad, postou, naquela madrugada, horário local, que tinha ouvido uma explosão de sacudir janelas e, logo em seguida, completou dizendo que esperava que aquilo não fosse

⁸ Disponível em: <http://www.twitter.com>.

⁹ *Short Message Service* ou Serviço de Mensagens Curtas. Serviço disponível nos celulares que permite o envio de mensagens curtas de texto (até 160 caracteres). Ficou popularmente conhecido no Brasil como “torpedo”.

¹⁰ *Application Programming Interface* (ou Interface de Programação de Aplicativos) é um conjunto de rotinas estabelecidas por um programa de computador para a utilização das suas funcionalidades por outros aplicativos que não pretendem envolver-se em detalhes da implementação do *software*, mas apenas usar seus serviços.

¹¹ Disponível em: <http://paper.li/>, grafado em itálico para indicar que é um endereço eletrônico. Para melhor compreensão, temos o endereço <http://paper.li/obrunomendonca>, jornal criado automaticamente a partir das postagens dos seguidores do autor deste artigo.

¹² Empresa que provém serviços de métricas e inteligência digital. Comercializam ferramentas que permitem a mensuração da audiência da internet no Brasil.

¹³ Celular smartphone da empresa Apple.

o começo de algo desagradável. Sem saber, Athar narrou em primeira mão uma das notícias mais esperadas pelos estadunidenses (Uol Notícias, 2011).

O @plantaio190¹⁴ e as notícias policiais da Grande Curitiba

João Carlos Frigério, fotógrafo policial, criou o *site* Plantaio 190¹⁵ em 2008. Na época, além de atualizar o *blog* com textos sobre reportagens policiais, ele resolveu transmitir ocorrências ao vivo usando um aplicativo de *streaming*¹⁶ de vídeo, o Qik¹⁷. Com o aplicativo de *streaming* e uma conexão via 3G, é possível transmitir vídeos ao vivo, a partir de um celular. Frigério entrava ao vivo em seu *blog* quando acontecia alguma ocorrência grave na cidade e chamava o público para assistir postando uma chamada em seu Twitter, na época, o seu perfil pessoal. As interações via Twitter começaram a ser maiores que as do *blog* e, então, Frigério resolveu criar o Twitter @plantaio190, destinado a postar as ocorrências policiais que aconteciam na cidade. A iniciativa deu certo, atraindo um público que, além de acompanhar, começou a mandar sugestões, informações e notícias de sua região (Frigério, 2012).

Desde então, segundo o perfil do @plantaio190 (2012), já são mais de 42 mil postagens e 22 mil seguidores. Boa parte das atualizações é feita por Frigério, mas ele também recebe ajuda de Eduardo Walecki Rodrigues Silva. Quase sempre a origem das postagens é um *smartphone*, já que a maioria delas é feita na rua, no meio da correria das ocorrências. As notícias são encontradas acompanhando o trabalho da polícia, ou por acaso. “Sempre ando com a câmera, o celular e o notebook. Uso o 3G e, às vezes, transformo o celular em modem para o notebook. É uma coisa que eu aprendi: ‘Nunca ande sem as ferramentas de trabalho’. Cedo ou tarde você consegue um flagrante.” (Frigério, 2012).

É preciso deixar claro que, apesar de existir um programa policial com o nome Plantaio 190, comandado por Roberto Acioli, o perfil e o *blog* de Frigério não têm nenhuma ligação com o programa televisivo.

Acompanhando as postagens do perfil durante o final de semana, entre a noite do dia 14

de setembro de 2012 e a manhã do dia 17 de setembro do ano de 2012, foi possível fazer um recorte para ilustrar que tipo de notícias o @plantaio190 publica e qual é o nível de interação do público. Para uma melhor visualização, as conversas foram transcritas e colocadas na tabela 1.

Nesse caso, além de dar a notícia da pessoa que foi baleada, o perfil ainda acompanha o resgate da vítima. O público interage fazendo comentários: da demora para o socorro e da falta de capacidade do hospital em realizar o atendimento. Além de informar a ocorrência, podemos dizer que o perfil promove um debate sobre temas de interesse da sociedade, como a violência e os problemas da saúde pública.

Os seguidores também colaboram com o @plantaio190 enviando relatos vivenciados ou testemunhados por eles, fato que transforma um canal em uma produção colaborativa, de utilidade pública (Figuras 1 e 2).

O @plantaio190 criou, inclusive, bordões usados não só em suas postagens, mas também entre o público que o acompanha no Twitter e interage com o seu perfil. Quando há muitas ocorrências, Frigério posta que o “kissuco ferveu” em Curitiba ou que o “caqui preteou” (Figura 3). “O ‘kissuco fervendo’ eu ouvi alguém falando em algum lugar e pensei: ‘Poxa, isso eu posso usar no cotidiano’. A partir daí foram os próprios seguidores que passavam as ideias, eu gostava dos bordões e comecei a usar” (Frigério, 2012).

Mesmo que o @plantaio190 foque suas atividades na Grande Curitiba, há vários seguidores de outras cidades que acompanham o perfil apenas por achar interessante a abordagem do autor na hora de noticiar as ocorrências. Por várias vezes, é a pitada de humor colocada na notícia que acaba conquistando o público.

Desta forma, o @plantaio190 presta um serviço à sociedade, comunicando notícias que são relevantes à população de uma maneira descontraída e próxima a seu público que, por muitas vezes, contribui com informações relevantes.

Considerações finais

Se a popularização da internet e o barateamento das tecnologias de produção potencializaram os produtores independentes

¹⁴ Disponível em: <http://www.twitter.com/plantaio190>.

¹⁵ Disponível em: <http://www.plantaio190.com.br/>.

¹⁶ Tecnologia que distribui informações em uma rede via pacotes. É a forma mais rápida de transmitir arquivos de multimídia, como áudio e vídeo, permitindo acesso em tempo real.

¹⁷ Disponível em: <http://qik.com/>. Aplicativo de *streaming* de vídeo ao vivo.

Tabela 1. Postagens do Twitter @plantaio190.**Table 1.** Posts Twitter @plantaio190.

@plantaio190: “Uma pessoa foi baleada agora em Rio Branco do Sul. O Siate e o médico estão saindo de Curitiba, aguento firme aí!” ¹⁸
@seguidor1: “@plantaio190 mas o kissuco ta fervendo em modo armagedom hoje heim big plant! ta loco!”
@plantaio190: “@seguidor1 tá demais!!!!”
@seguidor2: “@plantaio190 até chegar lá, já era”
@plantaio190: “O baleado em Rio Branco do Sul levou um tiro na cabeça. É na Rua Benjamin Bontorin, no centro da cidade!!!!”
@plantaio190: “A população pegou o baleado colocou num carro e levou voando pro Pronto Socorro da cidade! O Siate ia demorar demais!”
@plantaio190: “Acho que nem preciso contar o que aconteceu? Eu estava prevendo mas fiquei quieto...”
@plantaio190: “Levaram o baleado de Rio Branco do Sul para o Pronto Socorro, o médico de lá ligou desesperado para o Siate ir socorrer!”
@plantaio190: “Lá vão o Siate e o médico a caminho de Rio Branco do Sul socorrer o baleado que está no hospital! Isso que é estrutura hospitalar!”
@plantaio190: “Não é culpa do médico que está lá e sim, eles não tem estrutura pra receber um baleado! Essa é a nossa saúde!!”
@seguidor3: “@plantaio190 Saúde e segurança não existe... Mas veja pelo lado bom, COPA DO MUNDO VAI TER. Hipocrisia de nossos governantes ? Pois é =/”

Fonte: <https://twitter.com/plantaio190>

**Figura 1.** Postagem @ciclista_aovivo para @plantaio190**Figure 1.** Post from @ciclista_aovivo to @plantaio190

Fonte: https://twitter.com/Ciclista_AoVivo/status/247014068379058177

**Figura 2.** Postagem @vitorkloss para @plantaio190 /**Figure 2.** Post from @vitorkloss to @plantaio190

Fonte: <https://twitter.com/VitorKloss/status/247105684733304832>

¹⁸ Primeira postagem da tabela enviada às 22h39 do dia 14/09/12. Disponível em: <https://twitter.com/plantaio190/status/246785334967414784> e a última às 23h do mesmo dia. Disponível em: <https://twitter.com/plantaio190/status/246790446490189826>.

¹⁹ Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/twitter/22334-o-kissuco-vai-ferver-conheca-a-rotina-da-cobertura-policial-pelo-twitter.htm>.

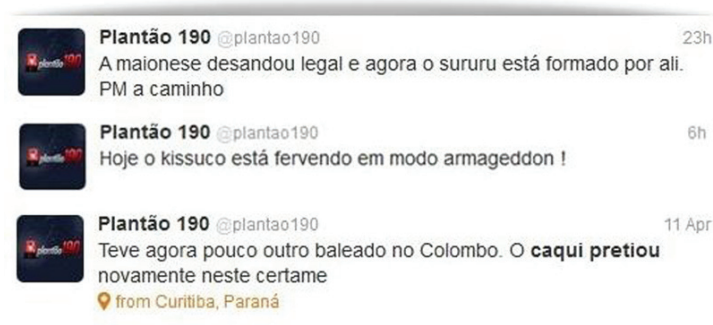


Figura 3. Bordões @plantao190 /
Figure 3. Catchphrases @plantao190

Fonte: Techmundo¹⁹

de informação, é possível colocar o Twitter @plantao190, do fotógrafo João Carlos Frigério, como um grande exemplo. Empoderado de um *smartphone*, um *laptop* e seu equipamento fotográfico, ele é capaz de manter todos os seus seguidores atualizados das notícias policiais da Grande Curitiba.

Frigério não é jornalista. Mesmo assim, leva ao público informação em primeira mão ao publicar fotos, vídeos de crimes, resgates e acidentes na hora em que eles ocorreram. Mais do que isso, o @plantao190 passou a ser referência no assunto e receber também de seus leitores notícias e fatos registrados por eles. Ou seja, há a continuidade do ciclo, um empoderamento do seguidor, que além de acompanhar o perfil do Twitter, também envia a sua colaboração, que é disseminada a uma parcela ainda maior do público.

Dan Gilmor, por várias vezes, destaca a colaboração dos amadores e chega a usar o termo “jornalismo cidadão”. O perfil do Twitter retrata o dia a dia de Curitiba, denunciando a violência urbana, os crimes do trânsito, os roubos de carros, incêndios, brigas, desentendimentos, enfim, fatos que são de utilidade pública e que, talvez, por outros meios, os ditos meios tradicionais, não recebessem a mesma atenção dispensada por um não jornalista que passa as madrugadas em claro, relatando as ocorrências policiais da cidade e região, quase sempre por meio de seu celular.

Referências

CAVALCANTI, M.; NEPOMUCENO, C. 2007. *O Conhecimento em Rede: Como implantar projetos de inteligência coletiva*. Rio de Janeiro, Elsevier, 134 p.

FRIGÉRIO, J.C. 2012. O Kissuco vai ferver! Conheça a rotina da cobertura policial pelo Twitter. Techmundo Curitiba. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/twitter/22334-o-kissuco-vai-ferver-conheca-a-rotina-da-cobertura-policial-pelo-twitter.htm>.

G1. 2009. Empresário mostra resgate de passageiros de avião em Nova York. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL957846-5602,00-EMPRESARIO+MOSTRA+RESGATE+DE+PASSAGEIROS+DE+AVIAO+EM+NOVA+YORK.html>

GILMOR, D. 2005. *Nós, os Media*. Lisboa, Presença, 265 p.

LÉVY, P. 1999. *Cibercultura*. São Paulo, 34, 270 p.

O'REILLY, T. 2005. *What Is Web 2.0*, Disponível em: <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>

PISANI, F.; PIOTET, D. 2010. *Como a Web transforma o mundo*. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 304 p.

RECUERO, R. 2011. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina, 2ª ed, 206 p.

SHIRKY, C. 2012. *Lá Vem Todo Mundo - O poder de organizar sem organizações*. Rio de Janeiro, Zahar, 296 p.

TERRA TECNOLOGIA. 2012. Twitter tem queda de 24% em acessos no Brasil. Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI6125317-EI12884,00-Twitter+tem+queda+de+em+acessos+no+Brasil.html>

UOL NOTÍCIAS. 2011. Paquistânês narrou ataque que matou Bin Laden no Twitter sem saber. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/bbc/2011/05/02/paquistanes-narrou-ataque-que-matou-bin-laden-no-twitter-sem-saber.jhtm>

Submetido: 03/03/2013

Aceito: 16/03/2013